



## **Jornalismo Cidadão: estratégias discursivas para criação de um espaço democrático simbólico<sup>1</sup>**

Isabela Duarte Pimentel  
Graduanda em Jornalismo pela Escola de Comunicação  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### **Resumo**

O artigo relaciona a consolidação da Internet e das suas potencialidades com a emergência de um novo tipo de interação dos públicos com as mídias. A partir da *Web 2.0*, entendida como marco de uma maior participação dos cidadãos no espaço público em que tem se configurado a Internet, diversos meios de comunicação tradicionais abriram-se à utilização de ferramentas que possibilitam produções colaborativas. A intenção com este trabalho, então, é analisar as estratégias discursivas da mídia na perspectiva de adoção de um “jornalismo” *open source*, caracterizado pela idéia de que o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Cidadania; Notícia

### **Introdução**

Este trabalho pretende questionar o modo como as ferramentas proporcionadas pela revolução digital e a democratização do acesso alteraram o exercício do jornalismo, a construção das notícias e a participação do público neste processo. Com o advento das novas tecnologias, Jornalismo Cidadão tornou-se um nome frequente, mas até que ponto a existência de uma ferramenta permite a difusão do acesso a ela? Qual o alcance da participação proporcionada pelas ferramentas colaborativas? A mídia converte-se em espaço simbólico de exercício da cidadania? Quais instrumentos utilizados pelos veículos de comunicação?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, sob orientação do Prof. Dr. Paulo César Castro.



Analisar os aspectos relacionados à difusão de conteúdos e a participação dos “consumidores” de informação torna-se uma questão central para a compreensão dos fenômenos no campo da comunicação social. Definir o papel do jornalismo e a nova função que ele terá na era da “democracia” virtual significa relacionar a utilização da tecnologia com os impactos sócio-políticos e culturais que a ela estão associados.

### **Jornalismo Cidadão: conceitos e dilemas**

O Jornalismo Cidadão é um dos vários termos usados para designar a produção e a difusão de informação por cidadãos que não têm formação jornalística ou que não estão ligados a veículos de comunicação tradicionais. Este tipo de comunicação fortaleceu-se com o aparecimento das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o que se reflete em novas formas de interação e participação do público no ambiente virtual. A este espaço, marcado pelo reforço da troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, tem sido dado o nome de *Web 2.0*. É, para alguns autores, a segunda geração da World Wide Web, marcada por uma maior participação dos cidadãos no debate dos temas presentes na esfera pública e até no estabelecimento de novos temas para discussão. Com as novas ferramentas colaborativas e o acesso fácil a equipamentos com recursos multimídia, a produção de informações, assim, deixa de ser exclusiva de certos segmentos sociais e passa às mãos de qualquer cidadão que tem acesso a um computador ligado à Internet. Como explica Frederico Correia, “a informação pertence a quem a encontra e pode ser transmitida por todos, necessitando, para tal, apenas de uma ligação à Internet” (Correia, 2008:5)

Mas Jornalismo Cidadão, um dos termos que mais se destacam no debate sobre este novo cenário comunicacional, é acompanhado dos embates a que qualquer conceito é passível quando está ainda em fase de consolidação. Sendo assim, concorre com outras várias denominações, tomadas como capazes, segundo seus respectivos defensores, de garantir o entendimento desta participação do cidadão na produção do que vem sendo chamado, indiscriminadamente muitas vezes, de notícia. Outros termos utilizados para nominar este conceito são *networked journalism*, *open source journalism*, *grassroots journalism*, *participatory media* e *participatory journalism* (Correia, 2008:13). Este último é assumido por Bowman e Willis, que definem o jornalismo participativo como:



The act of a citizen, or group of citizens, playing an active role in the process of collecting, reporting, analyzing and disseminating news and information. The intent of this participation is to provide independent, reliable, accurate, wide-ranging and relevant information that a democracy requires. (Bowman & Willis, 2003: 9)<sup>2</sup>

Para Jeff Jarvis<sup>3</sup>, professor da Universidade de Nova York, ao invés de “Jornalismo Cidadão”, deve utilizar-se o termo “Jornalismo em Rede”. Assim, segundo ele, é possível explicar o processo que envolve uma participação ativa dos cidadãos no processo de produção da notícia sem eliminar o trabalho do profissional da comunicação, que deve utilizar os tais conteúdos como “pistas para a investigação jornalística”.

Ao lado da dificuldade em se definir o Jornalismo Cidadão como prática homogênea, há o questionamento sobre o papel que o jornalista assumirá no chamado modelo *open source*, caracterizado pela idéia de que “o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca” (Lordello, 2007:9). Sílvia Moretzsohn (2006:20), entretanto, afirma que a democratização na produção de conteúdos pelos cidadãos não elimina o papel do jornalista como um mediador no contexto da comunicação. Para a autora, a contribuição do público é, sem qualquer dúvida, fundamental, não como matéria-prima em si, mas sim como fonte de informação a ser investigada. Seguindo esta perspectiva, a principal mudança trazida pelo modelo colaborativo seria a possibilidade de crítica às notícias e o maior alcance da participação pública, antes restritas à seções como “Cartas do leitor”. Apesar das colaborações terem papel central, para Morethzson, ao jornalista caberá sempre atuar de acordo com os princípios de ética e veracidade, evitando os riscos de deturpação que podem ser provocados pela utilização cega de materiais enviados e publicados sem seleção prévia.

### **O modelo open source: potencialidades e mitos**

---

<sup>2</sup> “O ato de um cidadão, ou grupo de cidadãos, exercer um papel ativo no processo de coletar, relatar, analisar e disseminar notícias e informação. O objetivo com essa participação é proporcionar a informação independente, confiável, precisa, abrangente e relevante que a democracia exige”. *Tradução livre nossa.*

<sup>3</sup> Em entrevista concedida pelo professor ao jornal português *Público*. Disponível em: <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1290049&idCanal=1453>.



A passagem de um modelo comunicacional centrado na figura do jornalista para o *open source* trouxe à tona o debate sobre as potencialidades das mídias colaborativas e seu impacto político na chamada “sociedade em rede”, na qual, segundo Castells (1999:51), “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”. Neste sentido, a consolidação do uso da Internet e de outras mídias deve ser entendida como a criação de um espaço mais amplo para a produção de notícias e para o discurso político que ultrapassa as barreiras geográficas e incrementa a oportunidade daqueles que não fazem parte do *mainstream* (Stephen D. Reese *et al*, 2005:3). Ao abrir para o público a possibilidade de “avançar sobre o território editorial, assumindo as pretensões informativas de um noticiário padrão”, o modelo *open source* quebraria “o monopólio do controle sobre os meios de publicação, ao que cabe um paralelo à produção colaborativa de softwares por comunidades que partilham os mesmos interesses e habilidades” (Bambrilla, 2005: 92).

Se, por um lado, o tradicional jornalismo de massas se constrói com base na lógica transmissiva da comunicação, o jornalismo participativo, através da interatividade, prioriza a “interlocução de emissores e receptores na configuração das mensagens” (Jardim, 2005: 2), ou seja, promove a mediação social entre produtores e consumidores da informação jornalística. O jornalismo, combinando as dimensões de poder e cidadania, encontraria no ambiente virtual “um espaço propício para a superação dos obstáculos impostos pelo método convencional, como as limitações de espaço e tempo (...), explorando diferentes formatos midiáticos” (Lordelo: 2007:5).

O fim das limitações de espaço e a possibilidade de existência de diversos caminhos de leitura definidos pelo internauta, como no caso dos hipertextos, alteraram a escrita da notícia, gerando debates em torno do modelo tradicional. Para João Canavilhas (2005:7), “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação”. Ele defende o uso de todo o potencial da web por parte do jornalista, como a criação de novas modalidades de leituras e estabelecimento de ligação entre textos e outros elementos multimídia e a passagem de uma “pirâmide invertida” para uma estrutura horizontal, a “pirâmide deitada”, que permite ao leitor “navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal” (Canavilhas, 2001:16). Quadros, por sua vez, aponta como as mudanças nos veículos digitais acabaram por influenciar os impressos, em uma relação de trocas mútuas:



No início do *boom* dos jornais digitais, havia apenas a transposição dos diários impressos para a rede das redes, logo começou uma tímida exploração da hipermídia em partes de sites jornalísticos que passaram a exibir alguns produtos diferenciados, como atualização de notícias e infografias tridimensionais estáticas e, depois, em movimento. Ainda hoje, com o desenvolvimento do jornalismo digital em curso, é comum observar reproduções de idéias que surgem no ciberespaço para cativar e seduzir o usuário (...). Jornais e revistas impressos, por exemplo, espelham-se na arquitetura web dos sites jornalísticos para atender um leitor cada vez mais sem tempo. Os textos pílulas dispostos para facilitar a leitura lembram *links* que dão acesso a diversas pequenas janelas contendo, em cada uma delas, uma informação sobre o assunto em pauta. (2005:6)

Para Shayne Bowman e Chris Willis, autores de “We The Media”, em tempos de jornalismo participativo, o modelo *broadcast* (de um para muitos) tende a ser ultrapassado pelo de “rede pensante”, na qual todos os envolvidos no processo comunicativo representam forças equivalentes (2003:11). Em consonância com estas transformações estruturais, há também que se considerar as mudanças econômicas, já que na web não se paga pela informação a que se tem acesso, conforme analisa Quadros: “No ciberespaço, ainda que muitos insistam em tratar a informação somente como negócio, a descentralização do meio permite que o internauta encontre (...) alternativas para saber mais sobre determinado assunto e sem precisar pagar nada por isso (...). Dessa forma, ele ganha experiência e torna-se também responsável por mudanças no *status quo* do jornalismo” (2005:5).

Ao lado do debate da potencialidade das ferramentas tecnológicas, fortaleceu-se a idéia do ciberespaço “enquanto lugar mítico para o desenvolvimento de uma democracia mais avançada” (Mosco, 2006:79). Mas conforme pensa Bambrilla, não se pode incorrer no risco de louvar de forma acrítica a tecnologia, atribuindo-lhe um papel desmesurado como ferramenta das mudanças nas práticas comunicativas. “Delegar à tecnologia a liberdade para publicar (...) soa demasiado determinístico por excluir fatores sociais que permeiam o ambiente digital” Bambrilla (2005:90). Moretzsohn (2006:4) complementa dizendo que, apesar da importância e influência das inovações tecnológicas na comunicação, “o ciberespaço reproduz as relações de poder que estão na sociedade”. Há de se considerar, portanto, que a assimetria das relações sociais tem também sua reprodução no espaço virtual construído pelas tecnologias.

### **A mudança na prática**



Entre a visível oposição daqueles que louvam o potencial democrático das mídias colaborativas e a dos que negam a importância das mudanças que o Jornalismo Cidadão está trazendo para o exercício da profissão, pode-se ver claramente a tentativa de tradicionais órgãos de comunicação atraírem a participação dos leitores, utilizando-se de ferramentas para produções colaborativas. É notório, segundo Lordello, que “o jornalismo *open source* veio provocar uma instabilidade em um modelo restritivo” (2007: 9).

Para Neil Truman (2008:7), o desenvolvimento destes sites com conteúdo gerado por internautas através de ferramentas de baixo custo e de difusão *on-line* auxiliou o rápido crescimento de sites populares e independentes, que estão ocupando as lacunas deixadas pelos *media* tradicionais. Quadros situa esse contexto de mudanças no Brasil entre os anos de 1995 e 2005, quando

(...) o impacto das tecnologias avançadas da comunicação se refletiu nas rotinas produtivas de todos os meios de comunicação de massa, e os jornais digitais evoluíram apesar da inaptidão da maioria deles com relação à interatividade. Neste ínterim, surgem os blogs para reanimar os usuários da Internet com um livre fluxo de informação. A informalidade, uma característica evidente dos blogs, também incentivou a participação do leitor, elevando-o, de fato, à categoria de usuário. (2005:3)

Com as possibilidades de interação no ciberespaço e em um contexto em que poucos jornais e revistas, de fato, interagem com o usuário, “os meios de comunicação tradicionais e as suas versões digitais voltam a se preocupar com a possível migração de sua audiência para blogs ou outras experimentações interativas na rede mundial dos computadores. Na tentativa de reconquistar e/ou ampliar o seu público, empresários da comunicação olham com mais seriedade as mudanças em seu entorno, buscando adaptar e até criar algumas idéias que atraiam o usuário/leitor/telespectador/ouvinte” (Quadros, 2005: 4). No âmbito destas transformações, diversos grandes nomes do jornalismo, em todo o mundo, passaram a apostar em um modelo de comunicação colaborativo, abrindo espaço à participação dos leitores em suas versões *on-line*, como é o caso de dois dos principais jornais do mundo, *New York Times* e *El Pais*.

Entretanto, um questionamento que deve ser feito é se os conteúdos produzidos pelos cidadãos e enviados aos sites dos veículos de comunicação tradicionais e às vezes aproveitados em suas versões impressas, como textos, fotografias, vídeos e áudios, podem ser, necessariamente, considerados jornalísticos. Pode-se perguntar se tais



conteúdos adequam-se ao que tradicionalmente deu-se o nome de “notícia”. Para Mário Erbolato, por exemplo, a notícia, a matéria-prima do jornalismo, deve ser recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público. Já Nilson Lage considera que, do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante (1998:16). Tomadas estas duas conceituações, é possível dizer que os cidadãos, ao selecionarem o que enviarão aos jornais, se submetem à lógica jornalística? Ou seja, eles têm introjetado, conscientemente ou não, o que pode ser de interesse jornalístico?

Neste debate vale a pena incluir a discussão feita por Carlos Castilho sobre notícia<sup>4</sup>, a partir do trabalho do sociólogo Pablo J. Boczkowski, do MIT, publicado no livro *Digitizing the News*. Para ele, a notícia está deixando de ser exclusividade do jornalista para ser cada vez mais um produto da interatividade social. “O novo conceito de notícia que está emergindo das experiências informativas na web está apoiado na idéia de participação do público, que até agora estava limitado a um papel mais ou menos passivo. Com isto a notícia passa a ser, cada vez mais, um processo em vez de algo estático.” Castilho quer dizer que o jornalista é apenas o iniciador do processo de construção da notícia, sob este novo modelo. Já o público, por meio de comentários, correções e adendos, desenvolve o resto, tornando a notícia um conteúdo em construção.

### **“Cada cidadão é um repórter”**

Com base na discussão acima, a participação dos internautas com produções colaborativas pode se dar, em termos gerais, através de duas formas. Na primeira, a produção do conteúdo é realizada pelos cidadãos, ainda que, na maioria dos casos, a publicação na Internet esteja submetida a um mediador, jornalista ou não. O exemplo mais palpável deste tipo de participação se concretiza no site sul-coreano OhmyNews ([www.ohmynews.com](http://www.ohmynews.com)), pioneiro do Jornalismo Cidadão, fundado em fevereiro de 2000. A característica fundamental do jornal é que seu conteúdo é produzido por cerca de 60 mil “colaboradores” espalhados mundo afora, cidadãos que, tendo testemunhado certos acontecimentos, enviam textos, fotos e vídeos para a publicação, podendo inclusive ser remunerados por isso. Não é à toa que o lema do jornal é: “cada cidadão é

---

<sup>4</sup> Cf. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=277ENO001>.



um repórter”. A produção dos repórteres-cidadãos é, antes de publicada, submetida à checagem realizada por cerca de 65 jornalistas que compõem a redação do OhmyNews.

O site pode ser definido como colaborativo, ou seja, apresenta “alto grau de interatividade, de modo que os conteúdos são construídos em parceria” (Brittes, 2004: 9). No OhmyNews, essa interatividade se faz presente pela possibilidade de uso de enquetes, contato com jornalistas, comentários em fóruns e chance de o usuário indicar a qualidade da notícia. A colaboração não se dá apenas pelo envio de notícias (a edição e publicação são de acesso exclusivo da equipe mediadora do *website*).

A experiência exitosa do site sul-coreano inspirou iniciativas iguais em outros lugares do mundo, como é o caso do MyNews ([www.mynews.com](http://www.mynews.com)), na Índia, e o Orato ([www.orato.com](http://www.orato.com)), nos Estados Unidos. E é com o mesmo princípio colaborativo que funcionam sites como Digg ([www.digg.com](http://www.digg.com)) e WikiNews (<http://pt.wikinews.org>). No Brasil, um bom exemplo é o site Overmundo ([www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br)). Neste, existe um blog no qual se pode debater as regras do próprio site e os próprios usuários fazem a mediação sobre o conteúdo, através das filas de edição e votação, o usuário tem acesso à publicação, “Já o acesso à edição é parcial devido à fila de edição não permitir interferências de demais usuários no texto físico da notícia. Somente o autor da notícia pode editar a notícia”. (Jardim, 2005: 68). Novamente, Jardim caracteriza ambos: “O *OhMyNews International* é denominado como um modelo híbrido que une o jornalismo profissional e o jornalismo cidadão. Enquanto o *Overmundo* transita entre o modelo híbrido e um modelo que há maior liberdade no processo de realização da notícia” (2005: 72).

### **Webjornalismo: de porteiro a vigilante**

Foi em função deste novo quadro de participação dos cidadãos, acentuado massivamente também através dos blogs, fotologs, videologs, que - como já disse Quadros acima - os veículos tradicionais, através de suas versões *online*, abriram a possibilidade de participação de seus públicos. Está aqui caracterizada, para nós, a segunda forma como os cidadãos atuam colaborativamente na produção de conteúdo. E esta colaboração pode se dar basicamente através de dois modos: pelos comentários e acréscimos às notícias produzidas pelos jornalistas ou através de produção própria de textos, fotografias, áudios e vídeos.



Para que seja possível problematizar a função que o jornalismo participativo tem desempenhado nos principais meios de comunicação, é preciso identificar as principais atribuições desta forma de comunicação. Se no período anterior ao advento da Web 2.0 a imprensa atuava como “*gatekeeper*”, ou seja, decidindo a que informações o público teria acesso ou não, de acordo com sua relevância, segundo Kovack, com a era digital, “a noção de ‘imprensa guardião’ (tradução de *gatekeeper*) não mais deve ser utilizada” (2004:22). Kovack identifica também que “o novo jornalista já não decide o que público deve saber, ajuda-o, antes, a ordenar as informações” (2004:23), ou seja, atua como mediador, em um processo em que o leitor não mais consome a notícia, mas age como co-produtor da mesma, ou ainda como “*gatewatcher*”, exercendo seu papel de crítica através da participação nos temas presentes na mídia. Nas palavras de Bruns (2005), são os usuários os responsáveis por avaliarem e discutirem as informações presentes em diferentes portais e nas produções colaborativas, numa mudança também assinalada por Primo (2006): o leitor “de porteiro, passa-se ao vigia”.

Seguindo esta mesma reflexão, identifica-se no jornalismo colaborativo as funções de “levar informações a locais nos quais o jornalismo de massa não chega”, “corrigir erros cometidos em notícias enviadas” e as notícias, por serem marcadas por um ponto de vista pessoal, não frequentes no jornalismo de massa, favorecem uma descentralização da mediação social (Jardim, 2005:67). A centralização em um pólo emissor da produção midiática, marca dos meios de comunicação de massa, por conseguinte, pode coexistir ou ser substituído pelo modelo colaborativo, no qual internauta torna-se *producer*, termo criado por Bruns (2005) para designar o papel de consumidor e produtor das notícias que os cidadãos possuem. Para Jardim, a figura do *gatewatcher* pode ser vista no *website OhMyNews International (OMNI)*, já que este site possui uma equipe interna avaliadora de matérias composta por jornalistas. Assim, o processo de seleção da informação é também instituído no jornalismo colaborativo. No *Overmundo*, entretanto, são os *producers* os responsáveis pela seleção das notícias, através de uma fila de votação.

A fim de tornar mais claros os conceitos aplicados, serão apresentadas análises dos conteúdos oriundos dos cidadãos publicados nas versões online de dois grandes jornais brasileiros, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. No primeiro, a coluna destinada ao jornalismo participativo se chama “Eu-Repórter”. Criada no ano de 2006, abre ao leitor a possibilidade de envio de textos, fotos, vídeos e áudios. Já no *Estado de S. Paulo*, a seção chamada “Foto repórter”, inaugurada em 2005, recebe fotografias de celular ou



câmera digital enviada pelo público e estas podem ser publicadas nas versões impressas do próprio *Estadão* e do *Jornal da Tarde*, no portal [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) ou vendidas pela Agência Estado para jornais diversos. O autor pode inclusive vir a ser remunerado.

Pode-se inserir a abertura deste espaço em grandes veículos no quadro de mudanças pelas quais passa o jornalismo. A consolidação de novas formas de produção e difusão da notícias, como blogs, twitter e o uso de *feeds*, fez com que as tradicionais órgãos emissores de produção noticiosa buscassem adequação às novas tendências, para permanecer atuando de forma competitiva no mercado da comunicação. Neste contexto, os próprios veículos definem a si mesmos como espaços onde o cidadão tem liberdade de colaborar, tornando-se repórter, na tentativa de legitimação dos sites como fórum para crítica e o compromisso públicos.

Para participar do “Eu-Repórter”, o usuário precisa aceitar os termos de compromisso e direito autoral, a fim de que o material produzido possa ser publicado, assinado pelo próprio leitor, não só no site *O Globo*, mas também nos jornais impressos *O Globo*, *Extra*, *Expresso* e *Diário de S. Paulo*. Vale ressaltar que todo conteúdo noticioso enviado está sujeito à aprovação pela equipe de editores, não sendo permitida a publicação de material opinativo, apenas noticioso e verídico. O envio se dá apenas quando o leitor é cadastrado no site. No *Estadão* o processo é semelhante, sendo necessário o registro na página da Internet para que seja feito o envio do material fotográfico, que é “selecionado” pelos profissionais. Caso haja eventual publicação, os autores das imagens que saírem no *Estado de S. Paulo* ou *Jornal da Tarde* ou que sejam vendidas pela Agência Estado recebem uma quantia em dinheiro.

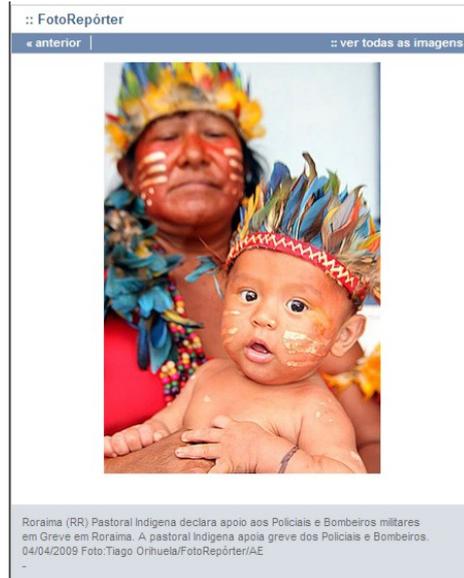
### ***O Globo e O Estado de S. Paulo: de leitor a autor***

Antes de analisar propriamente o conteúdo produzido pelos leitores, presente nas versões *online* dos dois jornais, faz-se necessário entender se, de fato, tal espaço colaborativo corresponde à proposta dos jornais de pluralização das informações veiculadas, tomadas as notícias como processos e, por isso, em construção, ou se é apenas uma mera estratégia contra a perda de audiência para outras fontes de informação em que há maior variedade de assuntos e cobertura mais horizontalizada e com pluralidade de vozes, como se pode notar na blogosfera.

Dentre o material enviado no dia 4 de abril de 2009 pelos internautas ao “FotoRepórter”, do *Estadão*, alguns aspectos merecem ser destacados: presença de fotografias de “denúncia” e o caráter noticioso dos textos enviados. A primeira foto refere-se ao apoio da Pastoral Indígena aos policiais e bombeiros militares em greve em Roraima, acompanhada do seguinte texto-legenda: “Roraima (RR) Pastoral Indígena declara apoio aos Policiais e Bombeiros militares em Greve em Roraima. A pastoral Indígena apóia greve dos Policiais e Bombeiros. 04/04/2009 Foto:Tiago Orihuela/FotoRepórter/AE”. Pode-se perceber que, pela ausência de um texto aprofundado e explicativo sobre a imagem, o valor informativo da notícia reside na própria foto, que, pelo impacto, ganha destaque.

A segunda aborda a realização de um evento da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo. Porém, em sua estruturação, já se pode perceber marcas discursivas frequentes no discurso jornalístico: “Centenas de crianças e adolescentes, na sua maioria carentes da periferia de São Paulo, se reuniram, hoje, no Pátio do Colégio no Centro de São Paulo para a Via Sacra da Criança e do Adolescente 2009”.

A última matéria, sobre um acidente de carro na Avenida Tiradentes, São Paulo, no dia 02 de Abril, ganha destaque pelo fato de conter uma fotografia com aspecto amador, mas que ainda assim, foi publicada, juntamente com o texto: “Carro capota após bater em ônibus na Avenida Tiradentes, esquina com Rua Ribeiro de Lima, bairro do Bom Retiro, nesta quinta-feira (02). O motorista acabou ferido no acidente. 02/04/2009. Foto: Edilley Possente /Foto Repórter



/AE”.

No caso do *Estadão*, conclui-se que a seção “FotoRepórter” dá espaço a fotografias de acontecimentos aos quais os jornalistas não tiveram acesso ou, ainda que tenham tido, pela qualidade ou pelo inusitado ângulo da foto. De forma geral, os temas mais frequentes são de caráter noticioso e permitem a outros leitores tomar conhecimento de fatos que poderiam cair no esquecimento sem a contribuição fotográfica de um cidadão.

No caso de *O Globo Online*, nota-se diferenças na própria interface. Enquanto o link para o “FotoRepórter” encontra-se fora da página principal do *Estadão*, o que dificulta o acesso (é

necessário clicar primeiro no link dos blogs, para depois encontrá-lo), o do “Eu-Repórter” apresenta-se na “capa” do site, tendo um box exclusivo onde são publicadas as matérias enviadas por internautas. Além disso, na seção do *Globo* há uma notória diferença em relação à do *Estado de S. Paulo*: enquanto no último os textos são apresentados através da enunciação direta (a matéria enviada pelo leitor é publicada diretamente), no primeiro há utilização frequente do discurso indireto, além da estratégia de identificação do cidadão produtor da notícia, como se pode notar na seguinte manchete, extraída na seção “Eu-Repórter”, em 3 de abril: “Internauta flagra prisão no Centro do Rio. Leitor João Paulo Pedreira filma ação de guardas municipais e de policial que surpreenderam homem que acabara de assaltar pedestre”. Outra marca das colaborações enviadas ao *Globo* é a frequente tentativa de interlocução direta com a figura do leitor, na tentativa de valorizar sua contribuição, em especial quando este envia uma frase de impacto, que é publicada em um olho, dentro de um box.

No que se refere às temáticas, variam de notícias sobre Cidade, passando por assuntos internacionais, incluindo até mesmo artigos opinativos, como o enviado pela leitora Nilcemar Nogueira, em 3 de abril, sobre a história da Estação Primeira de Mangueira e os principais problemas que a escola de samba enfrenta atualmente, como falta de apoio financeiro. Os mais abordados são violência, problemas de infra-estrutura, assaltos, denúncia contra atendimento inadequado em repartições públicas e questões ligadas à saúde pública. É possível que outros internautas votem nos artigos, atribuindo-

**EU-REPÓRTER**.....

**Internauta flagra prisão no Centro do Rio**  
Leitor João Paulo Pedreira filma ação de guardas municipais e de policial, que surpreenderam homem que acabara de assaltar pedestre [Comente\(26\)](#)  
**Seja você também um eu-repórter e envie sua notícia**

**OPINIÃO**.....

**O samba quando não é carnaval**  
Nilcemar Nogueira, coordenadora de Pesquisa do Centro Cultural Cartola, escreve sobre a crise na sucessão da presidência da Mangueira  
**"Lula é o cara? Fala sério Obama!", de Amandio Luis de Almeida Teixeira**

**SOB O CÉU DE LISBOA**  
Quiloses na primavera  
Cidade terá reedição do século XIX

**FOTOGLOBO**  
Programa de domingo  
Confira fotos dos leitores

**GUEIROS**  
Os encantos da memória  
Namoro e sexo no passado na Barra

O que acontece nos Estados Unidos é reflexo das neuroses causadas pela modernidade alucinante

Da leitora Giovanna Oliveira, sobre o ataque de um atirador em Binghamton, no estado de NY

lhes notas de 1 a 5, além de poderem tecer comentários e julgar o comentário de outros, com chance de fazer denúncias, caso considerem os textos ofensivos ou inapropriados.

Outra marca da seção é presença de palavras-chave como “violência”, “saúde”, “revolta”, que atuam como iscas para atrair o leitor, que, dentro de uma notícia, pode acessar o box “mais notícias”, tendo sua busca facilitada pela presença dos marcadores acima citados. O conjunto de matérias enviadas é ordenado em uma subpágina do link “Eu-Repórter”, na qual são apresentados títulos para as notícias, sempre ganhando destaque o fato de que o responsável pela produção é o “leitor” ou “internauta”.

### *Leitor flagra prisão de assaltante no Centro do Rio*

(enviada em 03/04 pelo leitor João Paulo Pedreira, contém texto e vídeo sobre o momento da prisão do assaltante, gravado com câmera de celular, recebeu 24 comentários)

### *Internauta registra alagamento em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio*

(enviada em 03/04 pelo leitor George Canuto, contém fotografias do alagamento, não recebeu nenhum comentário)



### *Leitor registra problemas causados no Centro do Rio pela chuva da última quinta*

(enviada em 03/04 pelo leitor Rodrigo Bretas, não recebeu nenhum comentário)

O *Globo*, assim, busca isentar-se antecipadamente de quaisquer eventuais erros de informação que os cidadãos tenham cometido em suas “notícias”. Apesar disso, pode-se verificar a presença de um deslize gramatical em um título publicado pelo veículo: “Internauta é mau atendida na Embaixada dos EUA”. (o correto seria *mal*).

## **Considerações finais**

A análise do discurso construído pela seção do *Globo* permite concluir que ocorre a tentativa de atribuir ao leitor o papel ativo no processo de produção das notícias, convidando-o para atuar na arena das discussões dos assuntos que estão em voga, enquanto no *Estadão* as fotografias apresentam-se como valor de denúncia,



referindo-se a acontecimentos que talvez não recebessem cobertura sem a contribuição cidadã. No *Globo*, o material enviado tem caráter mais plural, dividindo-se entre conteúdos noticiosos e artigos opinativos. Pode-se afirmar que no “Eu-Repórter” há um claro objetivo de explicitar que o conteúdo não é produzido por jornalistas, mas sim por cidadãos. Apesar de os textos enviados por colaboradores não seguirem, em sua maioria, o modelo de pirâmide invertida (apresentam os fatos em ordem cronológica, não de acordo com o grau de importância), pode-se dizer que, tanto as produções dos cidadãos no *Globo* e no *Estadão* enquadram-se na função que Kovack atribui à mídia na era eletrônica: “ser, simultaneamente, o gerador e promotor da ação comunitária (...), fornecer aos cidadãos não só o conhecimento e os esclarecimentos de que precisam, mas também um fórum onde eles possam envolver-se na construção de uma comunidade”.

O processo de construção das notícias e elas próprias, na acepção tradicional da palavra, muito se modificaram, pois esta deixa de ser “uma exclusividade dos jornalistas para ser cada vez mais um produto da interatividade social”, como define Castilhos, de forma que a “a notícia passa a ser, cada vez mais, um processo em vez de algo estático”.

### **Referências Bibliográficas**

- ABREU, A. (2003) *Jornalismo Cidadão* [On line] Estudos Históricos. [http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/339.pdf,acedido em 29/11/08].
- ANDRADE, Antonio Luis Lordelo. Usabilidade de interfaces web. RJ. E-papers. 2007.
- BAMBRILLA, Ana Maria. A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source. Sessões do imaginário, 2005.
- BOWMAN, S. & WILLIS, C. (2003) *We Media: How audiences are shaping the future of news and information* [On line], [http://www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf),
- BRITTES, J. G. (2004) *A revitalização da esfera pública habermasiana pela comunicação ciberespacial*, São Paulo: Intercom.
- BRUNS, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative Online News Production*, New York: Peter Lang in: <http://www.cjc-online.ca/printarticle.php?id=1723&layout=html>
- CANAVILHAS, João. Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. 2001. Disponível em: <http://www.booc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>
- CASTELLS, Manuel. (1999), *A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*, v1. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra.



- CASTILHOS, Carlos. Notícia e interatividade social. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=277ENO001>
- CORREIA, F. (2008) Jornalismo Cidadão – o que és tu? [On line], Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação [http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-frederico-jornalismo-do-cidadao.pdf, acessado a 13/12/08].
- DUARTE, A. (1999) Experiência, Modernidade e campos dos media, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- ERBOLATO, Mário. "Técnicas de Codificação em Jornalismo - Redação, Captação e Edição no Jornal Diário". São Paulo: Ática, 1991.
- GILLMOR, Dan. Nós, os media. Lisboa: Editorial Presença, 2004
- JENNER, B. (2002). *Local journalism on the web*, British Journalism Review.
- KOKACH, B & ROSENSTIEL, T. (2004) Os elementos do jornalismo. Coleção Comunicação 7: Porto Editora.
- LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 1998.
- MORETZSOHN, S. (2006) 'O mito libertário do "jornalismo cidadão"', Comunicação e Sociedade, 9-10: 63-81.
- MOSCO, V. 'Do Mito do Ciberespaço à economia política da comunicação digital' in Sousa, H. (org.) (2006) Comunicação, economia e poder, Coleção Comunicação 9: Porto Editora.
- PRIMO, A. (1998). Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo, Recife: Intercom.
- PRIMO, A. (2003). Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, 2: 125-142.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M. (2006) Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias, São Leopoldo: Anais.
- QUADROS, Claudia Irene de. A participação do público no webjornalismo. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. III Encontro de Pesquisadores em Jornalismo, Florianópolis, nov. de 2005.
- REESE, D. Et al. (2007) 'Mapping the blogosphere: Professional and citizen-based media in the global news arena', Journalism, 8 (3): 235 – 261.
- THURMAN, N. (2008) 'Forum for citizen journalist. Adoption of user generated content initiatives by online news media'. New Media Society, (10): 139.